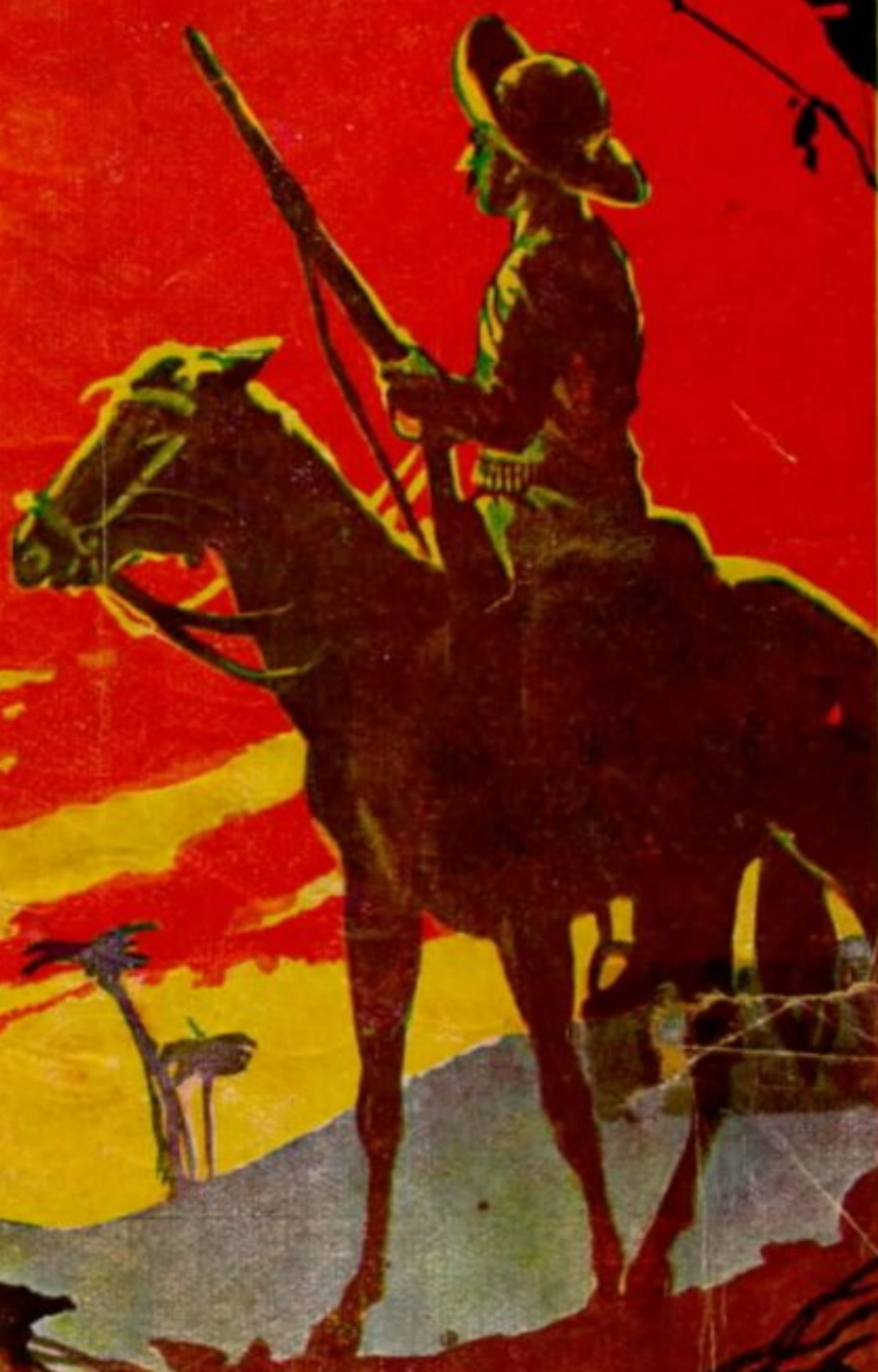


MAGAS BAPTISTA.



HISTORIA COMPLETA DE

ANTONIO SILVINO

SUA VIDA DE CRIMES E SEU JULGAMENTO

H. ANTUNES & Cia. - Livraria Editora - Rua Buenos Ayres, 145 - Rio de Janeiro

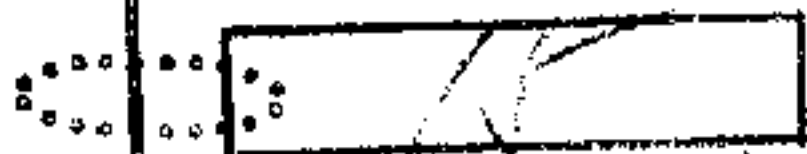
F. CHAGAS BAPTISTA

Historia Completa
DE
Antonio Silvino

Sua vida de crimes e seu
juizamento

4.^a EDIÇÃO

PAPELARIA E LIVRARIA
BARÃO DE MAUÁ
FIGURINOS, ROMANCES



Artigos para presentes
ATRIUM DA EST. BARÃO DE MAUÁ
RIO DE JANEIRO

H. ANTUNES & CIA.

RUA BUENOS AYRES, 145

RIO DE JANEIRO

OS CRIMES
DE
ANTONIO SILVINO

Antonio Silvino nasceu em 2 de Novembro de 1875. Fez as primeiras mortes em Julho de 1896. Ferido por um dos seus companheiros, em um combate com a policia de Pernambuco, entregou-se a prisão em 28 de Novembro de 1914.

Leitor, em versos rimados
Vou minha historia contar,
Os crimes que pratiquei
Venho agora confessar,
Jurando que da verdade
Jámais me hei de afastar

Pedro Baptista de Almeida
É Balbina de Moraes,
Casados catholicamente,
Foram meus legitimos paes,
Nascidos em Pernambuco
E do Pagehú naturaes.

Nas margens do Pagehú,
No districto de Ingasseira,
Junto á Serra da Colonia
Vi o sol a vez primeira;
Ao nascer trouxe nas veias
Sangue da raça guerreira.

Nasci em setenta e cinco
 Num anno de inverno forte,
 No dia dois de Novembro,
 Anniversario da morte;
 Por isso o cruel destino
 Deu-me de bandido a sorte.

Meu avô foi muito rico
 E meu pae foi abastado,
 Mas não me mandou educar
 Porque onde eu fui criado
 O povo não aprecia
 O homem civilizado.

Alli se aprecia muito
 Um cantador, um vaqueiro,
 Um amansador de poltro
 Que seja bem catingueiro,
 Um homem que mata onça
 Ou então um cangaceiro.

Meu pae fez diversas mortes,
 Porém, não era bandido;
 Matava em defesa propria
 Quando se via agredido,
 Pois nunca guardou desfeita,
 E morreu por ser atrevido.

Enquanto eu era pequeno
 Aprendi a trabalhar.
 Chegando aos 14 annos
 Dediquei-me a vaquejar.
 Abracei aos 20 annos
 A profissão de matar.

No anno noventa e seis
 Meu pae foi assassinado
 Pela familia dos Ramos;
 Já sendo nosso intrigado
 Um delles, o José Ramos,
 Que era subdelegado.

Para punir esse crime
Ninguém se apresentou;
A justiça do lugar
Tambem não se interessou;
Aos bandidos a policia
Parece que auxiliou...

E eu que vi a justiça
Mostrar-se de fôra á parte,
Murmurei com meus botões:
— Tambem hei de arrumar-te!
Não quero código melhor
Do que seja o bacamarte.

Eu chamei pela justiça;
Esta não me quiz escutar,
Vali-me do bacamarte,
Que me veio auxiliar,
Nelle achei todas as penas
Que um código pode encerrar!

No bacamarte eu achei
Leis que decidem questão
Que fazem melhor processo
Do que qualquer escrivão.
As balas eram os soldados
Com que eu fazia prisão.

Minha justiça era recta
Para qualquer creatura.
Sempre prendi os meus réos
Em casa muito segura;
Pois nunca se viu ninguém
Fugir duma sepultura!!

No dia 5 de Junho
Do anno noventa e trez,
Fiz eu as primeiras mortes
Matando dois de uma vez!
Manoel Ramos Cabeceira
E um tal João Roza de Arez.

Depois que fiz essas mortes,
Fiquei desaccommodado:
Começou a perseguir-me:
Que Ingareira o delegado,
Um tal de Francisco Braz;
Matei-o fiquei vingado.

Então a familia Ramos
Fugiu para a Immaculada,
Onde por Delmiro Dantas
Foi protegida e guardada.
Nunca mais peguei um d'elles
Nem mesmo n'uma emboscada.

Desde esse tempo que vivo
Soffrendo perseguição,
Mas com minha actividade
Sempre evitei a prisão!
Vendo-me, assim, obrigado
A fazer-me valentão!

No anno noventa e sete
Um meu parente e amigo,
O velho Silvino Ayres,
Disséra-me: — Vem commigo
Ao Teixeira, que eu preciso
Vingar-me de um inimigo.

De noventa e sete em Junho
Nós cercamos o Teixeira;
O delegado Dantinho
Deu uma boa carreira.
Foi isso que o livrou
De uma surra de ligeira...

Porque meu tio Silvino
Desejava castigar
Esse delegado affeito
Que um dia mandou cercar
Sua fazenda, e os moveis
De casa mandou quebrar.

Quando nos desenganámos,
De não pegar o Dantinha,
Voltamos p'ra o Pagehu',
P'ra lugar que nos convinha;
D'alli fomos p'ra Camp'na
Onde uns parentes eu tinha.

Fomos á villa do Ingá.
Com o Prisco nosso amigo,
Este encontrou na estrada
«Marcella» um seu inimigo,
Que foi logo assassinado
Por não fugir do perigo.

Pouco depois desse crime
Meu tio e chefe voltou
Para o Pagehu' de Flores
Onde a policia o pegou.
Nosso grupo reuniu-se
E seu chefe me acclamou.

Ao ver-me chefe do grupo
Meu nome proprio mudei;
Então por Manoel Baptista
Nunca mais eu me assignei,
E foi de Antonio Silvino
O nome que eu adoptei.

A justiça do Ingá
Processou-me, mas voltei
A essa villa, e o Paço
Municipal assaltei.
E os processos que havia
Ali, os incendiei.

Em Abril de noventa e nove
Em Canhotinho abracei
A profissão de marchante.
Depois, então assentei
Praça no quartel local
E tres mezes policiei.

'Stava eu na guarda local
 Quando um doutor me chamou
 E me disse: — Amigo Antonio,
 Minha esposa me deixou
 E se você fôr buscal-a
 Seis contos de réis lhe dou.

Está em Santa Filonila
 A mulher a quem procuro,
 Na usina de Santos Dias;
 Traga-me cá, que eu asseguro
 Terá seis contos de réis;
 Isto eu lhe garanto e juro.

Fui com meu primo Argemiro
 E um grupo que lá juntámos,
 Cercar a usina citada;
 Porém quando lá chegámos,
 Nem o major nem a filha
 Em sua casa encontrámos.

Uma mocinha da casa
 Talvez por ser imprudente,
 Passou em frente a meu rifle
 Que a feriu inconsciente...
 Lamentei a morte della
 Por ter morrido innocente.

O capitão Zé Augusto
 Em Fagundes me cercou,
 Com uma tropa que em mim
 Duas horas atirou:
 Prendeu um dos meus capangas
 E dois de bala matou.

Nesse combate matei
 De Zé Augusto um soldado.
 Deixei um sem uma orelha,
 Um com olho furado,
 Um de cabeça rachada
 E outro com um pé trilhado.

Com duas horas de lucta
Resolvi-me a retirar;
E disse ao José Augusto:
— Agora vou-me ausentar,
Prometto-lhe em pouco tempo
Com o senhor me avistar.

Dias depois, em Mattinhas,
Com o mesmo me encontrei;
Tinha elle 15 praças
Com as quaes, então, luctei!
Elle prendeu-me um cabra
E um soldado eu baleei.

Bem perto de Gravatá
De Beserros, fui cercado
Por um senhor João Gonçalves
Que era subdelegado;
Desse cerco eu me evadi
Mas com um braço baleado.

Nessa lucta sanguinaria
Dois capangas eu perdi,
Os outros me abandonaram...
Quando sósinho eu me vi,
P'ra não cahir na esparrélla
Sem perder tempo, fugi...

Em Abril de novecentos
Eu em Cabaças estava;
E o capitão Zé Augusto
Que em minha pista andava,
Cercou-me com trinta praças
Quando eu menos esperava.

Dentro de um engenho velho
Fiz uma trincheira forte,
De onde atirei cinco horas...
Não houve nem uma morte!!
D'alli fugi com os meus
E procurei outro norte.

Em Junho do mesmo anno
 Eu estava no Surrão
 Com cincoenta companheiros;
 Tinha muita munição
 E gente para brigar
 Até côm um batalhão.

Estavamos todos juntos
 Na casa José Gato,
 Apenas o Rio Preto
 Estava doente no matto,
 José matou uma rez
 Para nos dar melhor trato.

Eram oito horas do dia,
 Estavam bem encalmados,
 Quando inesperadamente,
 Por cento e vinte soldados
 Eu e meus companheiros
 Nos vimos todos cercados!

Eram dois os commandantes
 Desse reforço inteiro:
 Alferes Paulino Pinto
 (Da Parahiba o primeiro)
 E o capitão Angelim,
 (De Pernambuco) um guerreiro.

Era uma lucta medonha,
 Todo esse povo atirando!
 As balas perto de mim
 Passavam no ar silvando;
 O tiroteio imitava
 Um tabocal se queimando!

A policia entricheirou-se
 D'um riacho na barreira
 D'onde nos fazia fogo;
 Era uma boa trincheira:
 Se eu não fosse cuidadoso
 A tropa voltava inteira.

Durou mais de meio dia
Esse combate sangrento.
Ao faltar-me munição
Deixei o acampamento
E fiquei de fóra olhando
Do combate o movimento.

Estando eu fóra do cerco
Dei inda um tiro, que sinto
Ter elle alvejado apenas
O alferes Paulino Pinto;
Ao Angelim não matei
Porque não o vi distincto.

No tiroteio os soldados
Seis cangaceiros mataram,
E pegaram nove á mão
Que, tambem, assassinaram.
Como se sangra animaes
Elles aos homens sangraram!

Os que puderam fugir
Desembestaram a correr
Dizendo: — O diabo é quem espera
Para sangrando morrer!
Cada qual mais precavido
Procurava-se esconder...

O sargento José Lopes,
Vendo o alferes baleado,
Ordenou sangrassem os presos,
Obedecendo-o um soldado
Não matei porque o rifle
Estava descarregado.

Vi matarem todos: nove,
De um a um, por escala.
Mataram todos á faca,
Não quizeram estragar bala,
Sómente Antonio Francisco
Morreu sem perder a fala!

Fugi do surrão. No Estado
De Pernambuco encontrei
A um dos meus intrigados,
A quem eu não perdoei.
Era o Sebastião Corrêia:
Este com um tiro matei.

Em a fazenda Pedreiras,
Districto de Caicó,
Estado do Rio Grande,
Eu quasi que fico só!
Lá eu me vi apertado...
Qual moleque no cipó...

O tenente Tolentino
Nessa fazenda cercou-me
Com uma força de policia
Que, peito a peito atacou-me!
Nós trocámos muitas balas
Mas elle não acertou-me.

Logo com o primeiro tiro
Dois sargentos derribei,
Com uma bala certa
Ambos de uma vez matei!
Depois de dar outros tiros
Fóra do cerco pulei.

Desta vez o Tolentino
Matou-me seis cangaceiros,
Dentre estes um menino,
Que era dos meus companheiros
O que tinha mais coragem;
Seus tiros eram certos.

Tolentino perseguiu-me,
Porém eu pude fugir
Para o Estado do Ceará,
Onde pude residir
Alguns mezes, sem ninguem
Onde eu estava, descobrir.

Em novecentos e dois,
Pelo Ingá ia passando,
Quando encontrei um enxerido
Que andava denunciando
De mim e meus companheiros:
Sem mais nada o fui matando.

A 15 de Fevereiro
De mil novecentos e tres
Em Figueiras, Pernambuco,
Vi pela primeira vez
A um meu perseguidor;
Matei-o com rapidez!!

Esse meu perseguidor
Era o subdelegado
Francisco Antonio Cabral.
Sendo homem precipitado,
Vivia-me perseguindo,
Mas d'elle estou dascansado.

Matei Marcos dos Pinhões
No mesmo anno , não estou
Lembrado agora em que mez:
Elle a mim denunciou,
Por isso tirei-lhe a vida
Que pouco, aliás, me custou!

Em Arcoiras matei
Um pombeiro de primeira,
(Era um tal de Severino)
Que servia de «chaleira»
Fez uma vez a policia
Dar-me uma boa carreira!

Em novecentos e quatro
Eu no Mogeiro me achava,
O ex-sargento Manoel Paz
Nessa ocasião passava;
Fiz a elle o que elle a mim
Ha muito fazer tentava.

Esse tal Manoel da Paz,
 No tempo em que era soldado,
 Emboscou-me muitas vezes,
 Fez-me andar bem assustado,
 Porém eu com um tiro só
 Matei-o e fiquei vingado.

Em Outubro do mesmo anno
 Fui dos meus acompanhado
 Para a Villa do Pillar,
 Lá estava encarcerado,
 Um meu amigo, e p'ra soltal-o
 Fui em traje de soldado.

Quando cheguei ao Pilar
 Do quartel me apossei;
 Da munição dos soldados
 Também me apoderei;
 E as chaves da cadeia
 Do carcereiro tomei.

Soltei em seguida os presos
 E amarrei os soldados
 Que encontrei no logar,
 Deixando-os encarcerados;
 Como elles não se oppuzeram,
 Não fiz mal aos desgraçados.

Com os soldados na cadeia
 Deixei também o carcereiro;
 Dirigi-me ao delegado;
 Que me deu algum dinheiro;
 Procurou logo imital-õ
 Um distincto cavalheiro.

Quando sahi do Pilar
 Para o Ceará subi.
 Então no Cariry Novo
 Alguns mezes residi,
 Sentí que me perseguiam,
 Sem perder tempo fugi..

Com destino a Pernambuco
Do Ceará regressei;
De volta, no municipio
Do Piancó eu passei,
E na povoação de Bonito
N'uma casa me hospedei.

De offender aos moradores
Eu não levava intenção,
Mesmo eu não tinha intrigados
N'aquella povoação
Mas nada disto livrou-me
De uma grande traição.

Juntou o subdelegado
Alguns homens no lugar
Moradores, e com elles
Quiz dest'arte me cercar;
Elle estava preparado
Para a vida me tirar.

E quando elles me cercaram
Eu não ousei resistir,
Porque uma bala certa
Veio o meu rifle partir;
E eu, vendo-me desarmado,
Tratei logo de fugir.

Em novecentos e cinco
Eu metti-me em questão feia.
A pedido de um amigo
Dei uma surra de peia
Em um sobrinho legitimo
Do sr. José Gouveia!

Então o José Gouveia,
Julgando-se desfeitoado,
Disséra que me matava
Para o rapaz ser vingado,
Porque nunca um seu parente
Tinha de peia apanhado.

Elle não quiz perder tempo:
Logo que pensou assim,
Foi-se valer da policia
Para perseguir a mim,
Declarando a todo o mundo
Que havia de me dar fim.

Dirigiu-se á capital
Da Parahiba: lá então
O presidente do Estado
Nomeou-o capitão
De policia, e deu-lhe ordem
P'ra minha perseguição.

Foi tambem ao Recife
E a mesma ordem recebeu,
Lá o chefe da policia
Soldados lhe offereceu,
Passou-lhe uma carta branca
E armamento lhe deu.

Disseram que elle vinha
E eu fui então tocaial-o;
Perto de Caruaru'
Eu resolvi esperal-o,
Porém um grande accidente
Privou-me de encontral-o.

Eram dezoito do mez
De Dezembro. Eu ãinha ido
Esperar o Zé Gouveia,
Mas, não estando prevenido,
Fui feirar no Trapiá,
Pois queira estar munido.

Eu não fui ao Trapiá
Matar ninguém nem ferir,
Fui só comprar munição
P'ra melhor me prevenir,
Julgando que lá ninguém
Me havia de perseguir.

Ignorância

Estava eu dentro da feira
Quando um homem perguntou-me:
— Você é Antonio Silvino?
E de repente atirou-me!
Nesse mesmo instante um negro
Outro tiro disprou-me.

Os tiros não me feriram
Nem me fizeram pavor.
Eu, na fumaça da polvora,
Gritei ao atirador,
Que era Antonio Nicacio,
Celeberrimo Inspector!!

— Bandido! segura o tiro,
Não faz cousas de menino,
Repara que estás pegado
E com Antonio Silvino,
Vamos vêr no ferro frio
Se dás parte de mofino!

Proferi estas palavras:
Já com o meu punhal na mão
E lancei-me ao Inspector
Veloz como um furacão:
Dei-lhe a primeira facada
Abaixo do coração.

Elle pulou para traz
Com a ligeireza do gato
E gritou: estou ferido!!
Quando vi do sangue o jacto
Gritei-lhe: Cuide na vida
Porque eu agora o mato!!

Travámos renhida lucta,
Então com poucos momentos
Eu fiz-lhe com meu punhal
Outros grandes ferimentos;
Ouvi-os dizer: — Morri,
Sem vencer os meus intentos.

Nisto senti por detraz
Uma terrivel pancada;
Eu fiquei tonto e tombei
Por cima de uma calçada,
Ergui-me no mesmo instante
Tendo a cabeça rachada.

Foi o negro que atirou-me
O que me deu á trahição
Com o rifle, que disparou
Esta pancada, e então
Desembestou a correr
Ligeiro que só um cão.

Recobrei logo os sentidos
E o traidor procurei,
Porém não pude encotral-o,
Quasi possesso fiquei!
Nisto meus cabras chegaram
E eu fazer fogo mandei.

— Atirem nesses diabos!
Eu gritei á cabroeira.
Em menos de dez minutos
Estava acabada a feira.
O povo tinha corrido...
E ganhei a capoeira...

Ao depois que todo o povo
Tinha desaparecido,
Uns no matto, outros nas casas,
Estava tudo escondido;
Encontrou-se um homem morto
E um cavallo ferido.

Todas as portas da rua
N'um momento se fecharam.
Uns noivos que lá estavam
Ninguem sabe onde esbarraram,
N'um becco um menino morto
Depois os cabras acharam.

Depois de tudo acabado
Resolvi-me retirar.
A rua estava deserta,
Não tinha com quem brigar;
Pelo capitão Gouveia
Decidi não esperar.

Então com os meus companheiros
A Parahyba voltei;
No districto de Campina
Um inimigo encontrei,
A tiros e a punhaladas
A elle eu assassinei.

Manoel Rodrigues Torres
Chamava-se esse senhor,
Que era meu inimigo
E também perseguidor;
Fiz a elle o que farei
A quem me fôr um traidor.

Em novecentos e seis,
A vinte e seis de Janeiro,
Estava eu nos Tatu's
Com o meu grupo inteiro,
Quando ao capitão Gouveia
Dei o combate primeiro.

Gouveia ao cercar-me disse:
— Silvino, segura o tiro!
Respondi-lhe: — Seu Gouveia,
Você hoje perde o giro,
Porque se matar-me eu o mato,
E se me ferir eu o firo!

Travámos um tiroteio
Que durou quasi uma hora.
Então Gouveia bradava:
— Antonio Silvino, agora
Ou você se entrega ou morre,
Ou esmorece ou vae embora.

Respondi-lhe: Não me entrego,
Nem morro, nem esmoreço,
E' certo que vou embora.
Para outra vez me offereço;
Lembre-se sempre de mim.
Que de você não me esqueço.

Dito isto, os cabras d'elle
De mim se approximaram.
Eu dei a ultime descarga
E ouvi dizer: — Me mataram!!!
E outro gritar: — Me acudam!
Que os cabras me balearam!

Receei que a munição
Se pudesse acabar;
E disse aos meus companheiros
— Devemo-nos retirar;
Desinteiramos a tropa
Não temos por quem esperar.

No Estado de Parahyba
Com um correio me encontrei:
Das malas que elle trazia
Eu logo me apoderei:
Então tomei testemunhas
E as malas todas queimei.

E dei ao correio as cousas
Que a elle pertenciam;
Queimei as malas porque
Julguei que ellas traziam
Dinheiro ou instrucções
Para os que me perseguiam.

Ao depois que eu tomei
As malas desse correio,
O governo entendeu
Que esse era um acto feio;
E então em minha pista
Uma grande escolta veio.

A companhia ingleza,
Em construcção de uma linha,
Atravessou uma terra
De propriedade minha,
Procurei-a p'ra dizer-lhe
Que isto não me convinha.

Fui, a sete de Setembro,
De novecentos e seis,
Ao povoado Mogeiro;
Destinei-me dessa vez
A cortar o fio aereo
E pegar algum inglez.

O fio do telegramma
Logo ao chegar eu cortei,
E uma pilha de madeira
Na linha ferrea eu deitei;
Foi graças a esta astucia
Que um trem de lastro esbarrei.

Ao senhor Chico de Sá,
Que era um dos passageiros,
Dirigi-me, por saber
Ser elle dos empreiteiros:
Elle deu-me cem mil réis

P'ra mim e meus copanheiros.
Eu disse ao Chico de Sá:
— Eu venho aqui lhe avisar
Que esta terra me pertence
E p'ra o trem n'ella passar
E' preciso a companhia
Primeiro me indemnisar.

São trinta contos de réis
Que a mim terá de pagar
A companhia ingleza:
Do contrario hei de arrancar
Os trilhos, e por aqui
O trem não ha-de passar!!

Então o Chico de Sá
Prometteu-me que daria
O meu recado aos inglezes
Gerentes da companhia,
Para que elles mandassem
A exigida quantia.

Ao governo federal
A companhia ingleza,
Mandou pedir garantias;
Elle, com toda presteza,
Mandou vir um contingente
Da companhia em defeza.

Do batalhão vinte e sete
Noventa e quatro soldados
Vieram em meu encalço,
Sendo estes commandados
Por quatro officiaes,
Homens já experimentados.

Do segundo batalhão
Quarenta praças valentes
Vieram-me perseguir,
Guiados por dois tenentes;
Na cidade de Campina
Juntaram-se os contingentes.

Então o capitão Formel
Dividiu em diligencias
As forças que commandava,
Tomando mil providencias,
Garantindo não falharem
As suas experiencias.

Resolvi deixar o plano
De embaraçar a linha
De ferro, porque essa força
Disposta a matar-me vinha;
Então a vinte de Novembro
Entrei em Alagoinha.

Na villa de Alagoinha,
 No momento em que cheguei
 A todos os negociantes
 Sem demora collectei;
 Procurador do Governo
 Desde então me intitulei.

No dia dois de Dezembro
 Do anno já referido
 Entrei na Alagoa-Nova,
 Sendo alli bem acolhido;
 Collectei todo o commercio
 E em tudo fui attendido.

- 2- No momento em que eu entrei,
- 3 Ao quartel policial
- 4- Dentro da Alagoa-Nova
- 4 E ao telegrapho cerquei,
- 5 Dos soldados que lá havia
- 6 Até a roupa tomei!!

Recebi todos os impostos
 Fiz muito bom apurado
 E depois telegraphiei
 Ao presidente do Estado,
 Dizendo-lhe que ao commercio
 Eu já havia collectado.

Em seguida retirei-me
 Logo que fiz a cobrança
 Contra mim ninguem se oppoz,
 (Nunca vi gente tão mensa)
 E entrei no dia seguinte
 No povoado Esperança.

No povoado Esperança
 Dois macacos eu preendi,
 Como elles não se oppuzeram
 Soltei-os, não os offendi;
 Então dois negociantes
 Os impostos recebi.

Da Esperança dirigi-me
 A' villa de Solledade,
 Ahi, de José do Couto,
 Com quem tenho inimizade,
 Cerquei a casa, mas este
 Fugiu, por sagacidade !

Na villa de soledade
 Recebi pouco dinheiro,
 Fugi d'alli e no districto
 De Caruarú, em Janeiro,
 De novecentos e sete,
 Persegui um fazendeiro.

Coronel Manuel Emygdio,
 Que era sub-prefeito,
 E' o dono da fazenda
 Que eu cerquei sem proveito
 Por não encontral-o em casa;
 Porém fiz tudo a meu geito.

Logo ao chegar na fazenda
 Alguns animaes matei.
 E dois paioes de algodão
 Em seguida incendiei:
 Então pelo coronel
 Emygdio não esperei.

Perto de Taquaritinga,
 N'um pequeno povoado
 A que chamam Salgadinho,
 No mez acima fallado
 Entrei, e logo o commercio
 Fui deixando collectado.

Em o dia vinte e sete
 Do mesmo mez de Janeiro,
 A' barra de S. Miguel
 Fui com meu grupo inteiro:
 Alli uma boa surra
 Eu dei n'um alcoviteiro.

Quatro praças que lá estavam
Em ceroulas as deixei;
Então da Mesa de Rendas
Eu logo me apoderei;
O dinheiro que lá havia
Para o meu bolso passei.

Incendiei os papeis
Todos da arrecadação.
Deixei nús os empregados!
Conduzi a munição
Dos soldados e os deixei
Sem farda, *comblain* e facão.

Em o lugar Serra Verde,
Município de Umbuseiro,
Eu encontrei dois *macacos*
A oito de Fevereiro,
Com dois tiros lhes provei
Que sou muito escopeteiro.

A vinte e oito do mez
De Fevereiro eu voltei
Para a villa do Pilar;
Alli o quartel cerquei
E então prendi os soldados
E as armas lhes tomei.

Fui ver depois a prisão
E soltei cinco coitados
Que nessa immunda cadeia
Estavam encarcerados.
A alguns desses já prenderam
Por serem bem descuidados.

Depois de soltar os presos
Tomei a direcção
Da casa de residência
Do doutor Napoleão.
Porém não o achei em casa
Nessa má occasião.

Da mulher do commendador
 A senhora D. Ignez,
 Pude tomar quasi á força
 Seis magros contos de réis,
 E se em casa houvesse mais
 Eu tomava dessa vez.

Então dirigi-me á loja
 Do mesmo Napoleão,
 Lá quatro contos de réis
 Na gaveta do balcão
 Encontrei, e vi que a mim
 Tocava aquelle quinhão...

A' municipalidade
 Pertencia esse dinheiro,
 Porém eu que do governo
 Sou o principal herdeiro,
 Apossei-me desse cobre
 E em guardal-o fui ligeiro!

Quando da loja sahi
 Eu fui á collectoria.
 Alli deu-me o collector
 O cobre que em cofre havia:
 Sendo este do governo,
 A mim tambem pertencia.

Visitei todo o commercio,
 Fiz muito bom apurado,
 E vi que de muito povo
 Eu me achava acompanhado.
 Alguns pediam-me esmolas:
 Então não me fiz rogado.

Uns quatrocentos mil réis
 Com os pobres distribui
 Não serve isto p'ra minh'alma
 Porque esta eu já perdi;
 Mas serve p'ra os miseraveis
 Que estavam nós e eu vesti.

Um official de justiça
Escreveu, por mim dictado,
Um pequeno telegramma
Ao presidente do Estado:
Já veem que a um homem assim
Não se usa mandar recado.

No telegramma eu lhe disse
Que abandonava a questão
Da companhia ingleza.
E depois pedi-lhe, então,
Que elle a força federal
Retirasse do sertão.

A's onze horas da noite
Retirei-me do Pilar,
Sem que se dessem conflictos,
Não achei com quem brigar,
Conseguindo pôr-me ao fresco
Sem ninguem me incommodar.

Em dias do mez de Abril,
Na villa de Cabaceiras
Ataquei um fazendeiro;
Porém com boas maneiras,
Seis contos de réis passei
Para as minhas algibeiras...

No dia quatro de Maio,
Em o lugar Cachoeira
De Curuarú, matei
Pedro e Antonio Ferreira.
E na povoação Mandaçaia
Fiz um ataque de primeira.

Veiu o capitão Narcizo
— Homem que honra o seu galão—
Com cem praças escolhidas
Do quatorze batalhão,
Alliado ao vinte e sete,
Perseguir-me no sertão

No dia treze de Maio,
 Em Bodocondó eu estava,
 Quando a força do exercito
 Que em minha pista marchava,
 Deu-me alguns tiros, julgando
 Que dessa vez me matava.

Sahi de Bodocongó
 Até não muito apressado...
 Então um soldado disse
 Que eu sahira baleado:
 Porém elle se enganou,
 Pois seu tiro foi errado!

Provar que não fui ferido
 Dois dias depois eu quíz,
 E na povoação de Queimados,
 Onde sempre fui feliz,
 Eu preendi o delegado,
 Um tal de Antonio Muniz.

Preso estando o delegado
 Eu preendi o seu supplente
 E tambem um inspector
 Que alli se achava presente;
 Nenhum se oppoz á prisão
 Nem se metteu a valente.

Guiado pelos tres presos,
 Que me deram um dinheirinho,
 Fui á casa do usurario
 Senhor Demetrio Coutinho.
 Quinhentos mil réis deu-me elle
 Dizendo: — Fico *lizinho!*

No dia trinta de Maio
 Com um comboio me encontrei
 No Estado de Pernambuco;
 Logo as cargas embarguei,
 E no lugar do Rio Grande
 As mesmas incendiei.

X
Ao major Lucas Donato,
Protector de um intrigado
Meu, pertencia o comboio
Que foi por mim incendiado;
Julguei que para o Bonito
Fosse o comboio levado.

Aos matutos do comboio
Prejuizos eu não dei;
E ao tal Lucas Donato,
Dizer por elles mandei,
Que o frete lhe pagasse
Das cargas que eu queimei.

O alferes Zé Caetano,
Com mais de trinta soldados,
Me atocaiava bem perto;
Mas eu, com os meus, apressados,
Seguimos n'outro caminho
E fomos para Afogados.

Quando cheguei em Afogados
Procurei logo avisar
A toda a minha familia,
P'ra esta d'alli se mudar,
Porque os meus perseguidores
Queriam-n'a exterminar!

De Setembro, em dezanove,
E em Maria de Mello
Cerquei a Mesa de Rendas,
E sem que houvesse duello,
Trezentos mil réis do chefe
Tomei sem fazer appello.

Prendi e desarmeí quatro
Soldados que nesse dia
Estavam lá. O dinheiro
Que levei, me pertencia...
Dei ao chefe a percentagem
Que o governo lhe devia.

Com a companhia ingleza
Fiz uma accommodação:
Deu-me ella quinze contos
E abandonei a questão...
E o contingente do exercito
Se retirou do sertão!

De novecentos e sete
Em Maio, no Cariry,
Estava numa fazenda
Quando cercado me vi!
E nesse cerco eu, um cabra
De confiança perdi.

Era o Zacharias Neves
Quem a força commandava,
E enquanto a tropa a fazenda
Por diante e por traz cercava,
Eu com o dono da casa
Descuidado conversava...

Quando elles romperam fogo
Saltámos para o terreiro;
Então nos primeiros tiros
Eu vi um meu companheiro
Cahir varado de balas:
Era o Sebastião Bicheiro.

No tiroteio uma bala
Arrancou-me a cartucheira;
Conheci logo que a tropa
Occupava uma trincheira;
Então fugi com os meus...
E a tropa voltou inteira.

Na fazenda Muribeca,
Duas surras mandei dar,
Em dois cabras da fazenda
Que se quizeram armar
Contra os meus companheiros,
Que os souberam castigar.

Em dias do mez de Julho
Eu passei em Gamelleira,
Que fica perto do Ingá.
Como ia na quebradeira,
O senhor Zuza da Motta
Encheu a minha algibeira...

A onze do mesmo mez
Eu em Machados passei,
E do Sr. Manoel João
Um conto de réis tomei;
E na villa de Natuba
Dois contos arrecadei.

Matei um filho de Marcos,
Que morava nos Pinhões,
No principio de Setembro;
Quiz elle formar questões
Commigo, porém passei-lhe
De minh'arte umas lições.

A vinte e oito de Setembro,
Em S. José dos Cordeiros,
Eu entrei com o meu grupo
Composto de seis guerreiros;
E alli de um velho usurario
Nós fomos os dizimeiros.

O velho Vicente Magro
Em S. José habitava,
Dirigi-me á casa d'elle,
Dizendo-lhe que precisava
De umas moedas de ouro
Que elle enterradas guardava,

O velho, que era usurario,
Disse que não conservava
Esse dinheiro enterrado;
Mas eu lhe disse onde estava
E acrescentei que se elle
Não m'o desse, eu o matava.

O velho, atemorizado,
Arrancou essas moedas
Que estavam enterradas
Debaixo de umas pedras;
Mas, para m'as entregar,
Levou primeiro umas quedas!

Chegaram então dois rapazes
Que eram do velho parentes,
E contra mim os dois tolos
Metteram-se a valentes...
Vi-me obrigado a matar
Um desses dois innocentes...

Um, eu matei a punhal,
O outro, menos caipora,
Comprou veado e fugiu
Damnado de porta a fora...
Dei-lhe um tiro p'ra espantal-o
E deixei-o ir embora.

De novecentos e nove
'Stive, a dois de Fevereiro,
Bem perto de Serraria,
Em casa de um fazendeiro
De nome Alfredo Chianca,
Homem valente e guerreiro!

Então, Alfredo Chianca
Vinte vezes me atirou,
E, acabando a munição,
Da casa a porta trancou;
Arrombei-lhe uma janella
E elle a mim se entregou.

Não offendi ao Chianca
Porque eu me admirei
Da sua grande coragem;
Quando em sua casa entrei,
Dei-lhe um abraço apertado,
E amigo d'elle fiquei!

No dia vinte passei
Na povoação Cachoeira,
Que alguém chama de Cebola;
Não era um dia de Feira,
Mas lá uns negociantes
Encheram minha algibeira.

Então, de João Farias
Eu a casa incendiei,
Em Clementino de tal
Uma boa surra dei,
De Manoel Borba e Juvencio
Algum dinheiro tomei.

No dia seguinte eu estava
Descansando em Malhadinha,
Quando me alcançou uma tropa
Que em minha pista vinha;
Então, com os meus companheiros,
Fugi, porque me convinha...

Eram o José do Couto
E mais o alferes Mauricio
Os commandantes da tropa,
Que, obrigou-me ao sacrificio,
De dar comprida carreira
P'ra fugir ao precipicio...

A tropa não nos cercou
Mas muitos tiros nos deu;
Mandei dar quatro descargas
E fugi com o povo meu;
Da casa onde estava, o dono,
No tiroteio morreu.

Era o velho João Martins:
Eu não vi a sua morte,
Porque já havia fugido
E procurado outro norte
Quando os soldados lhe deram
Para os céus um passaporte.

A cinco do mez de Março
 No Araçá eu cheguei
 E com o chefe da estação
 Mui calmamente almocei;
 Alli do sr. José Pedro
 Quinhentos mil réis tomei.

Fui a dez do mez de Abril
 Visitar meu inimigo
 Um tal Manuel Tavares;
 Queria dar-lhe um castigo,
 Mas elle fugiu ao vêr-me,
 Não quiz se entender commigo.

Residia nos Pocinhos
 Esse que fui visitar;
 Só encontrei sua esposa,
 Por quem mandei avisar
 Que só lhe dava tres dias
 P'ra elle d'alli se mudar.

Depois de a Manuel Tavares
 Eu ter dado um prejuizo,
 Ataquei Francisco Affonso,
 A quem disse: — Eu preciso
 Hoje de muito dinheiro:
 Pretendo deixal-o *liso!*

O velho Francisco Affonso,
 Que é *caipira* verdadeiro,
 Me disse: — Eu não tenho um réis?
 E eu lhe disse: — O cavalheiro
 Pagará com uma surra...
 N'isto, elle deu-me o dinheiro.

Então no dia seguinte
 Quando eu deixei esses lares,
 Ao arame telegraphico
 Cortei em cinco logares:
 Fiz na linha o que pude
 Fazer com Manuel Tavares!

caipira

A treze de Abril estive
Na Barra de Santa Rosa;
Alli quinhentos mil réis
Me deu o Manuel Feitosa;
Somma igual o Manuel Bezerra
Me deu com cara chorosa...

Então tomei de um soldado
As armas e a cartucheira;
E depois disse aos matutos
Que se encontravam na feira,
Que alli não pagassem mais
O imposto de barreira.

No dia treze de Julho
Eu em Fagundes cheguei;
Lá um negro e uma negra
Com duas surras matei!
Elles a mim foram falsos
E eu nunca lhes perdoei!

No principio de Janeiro
De novecentos e dez,
Tomei do coronel Lula
Dois magros contos de réis;
Nada fiz em Fevereiro.
Em Março espalhei os pés!...

A cinco do dito mez
Eu botei uma emboscada
No alferes Joaquim Henrique
Perto de Pedra Lavrada;
Elle vinha com a tropa
E metteu-se na cilada.

Deixei em Pedra Lavrada
Para essa tropa um aviso,
Dizendo que a esperava
E que lhe era preciso
Levar algumas mortalhas
Que eu lhe daria prejuizo!

Meia legua mais ou menos
Distante do povoado
De nome Pedra Lavrada,
De serras num apertado
Com meu povo enrincheirei-me
Estando bem municiado.

Eram dez horas do dia
Quando eu a tropa avisei;
No alferes Joaquim Henriques
O primeiro tiro dei,
E por não querer matá-lo
Apenas o baleei.

Nisto, meu grupo que estava
Commigo entrincheirado,
Tambem atirou na tropa;
Feriu uma bala um soldado,
Não o matou mas deixou-o
P'ra toda a vida aleijado!

Um cabo tambem sahio
Com uma perna baleada;
Deu-nos a tropa alguns tiros,
Porém ao ver-se cercada
Fez como eu já tenho feito:
Deu uma carreira damnada...

Joaquim Henriques os feridos
Para Campinas levou;
Mas o alferes Mauricio
Que com elle se encontrou,
Proseguiu na minha pista...
Com tres dias me encontrou.

Com uma legua de distancia
Da povoação Periquito,
Encontrei-me com Mauricio
Em um lugar exquisito;
Dessa vez não me pegaram
Porque sou muito perito!

A tropa estava escondida
Dentro do matto, almoçando,
Quando eu vinha distraído,
Com dois homens conversando;
Pegaram a metter-me *buchas*
E quasi me iam matando!

Nem ao menos tive tempo
De um tiro só disparar,
Pois se eu perdesse um minuto
Não me podia salvar,
E por não ir prevenido
Resolvi-me retirar...

Foi a dezoito de Abril
Que eu estava no Juá,
Fazenda pouco distante
Da villa de Taperoá,
Quando um correio caipora
Ia passando por lá.

Era elle o João Domingos,
De tres malas portador;
Tomei-lhe as malas e abri-as,
Achei cartas com valor
Em dinheiro, e deste eu fiz-me
No mesmo instante senhor!

Alguem ainda pediu-me
P'ra as cartas eu não romper,
Porém, a esses pedidos
Resolvi não atender,
P'ra não perder o ensejo
De ao governo offender.

Eu sei que o governo paga
Qualquer quantia avultada
Que o agente ou estafeta,
Deixa ser extraviada,
Por isso a correspondencia
Fôra por mim violada.

Não offendi ao correio
 Por elle o não merecer.
 E' um simples empregado
 Que cumpre com o seu dever,
 E mesmo, a quem não me offender/
 Eu não gosto de offender.

Abri as malas sómente
 P'ra do governo vingar-me,
 E tambem p'ra, do dinheiro
 Que eu encontrasse, apossar-me;
 Cento e quarenta mil réis
 Foi só o que poudé tocar-me.

Nas zonas do Cariry
 Demorei-me um mez inteiro;
 A vinte e sete de Maio,
 Mauricio, o audaz guerreiro,
 Achou-me a pista e buscou-me
 Como quem busca dinheiro!

2. A força que commandava,
 4. O alferes dividiu
 Em dois grupos de oito homens;
 A uma tropa guiava
 O sargento Zé do Couto;
 A outra elle commandava.

Dos soldados do alferes
 Um era rastejador,
 E poz-se a seguir-me a pista
 Qual perito caçador,
 Só não me alcançaram cedo
 Porque sou muito andador...

A villa de Soledade
 Eu segui em direcção;
 Toda essa tarde seguiu-me
 A tropa em perseguição,
 Perderam-me á noite a pista
 Devido á escuridão.

Debaixo de um umbuzeiro
A tropa se aquartelou,
E alli toda essa noite
Ella acordada passou;
Que eu estava muito perto
O alferes não suspeitou.

Quando a luz da madrugada
Principiava a raiar,
Aproximei-me da tropa,
Pude/a observar, *1bem*
Mas eu nessa ocasião
Não quiz a ella enfrentar.

Então, com os meus companheiros,
Ligeiro como quem vôa,
Fomos esperar a tropa
Adiante, numa lagôa;
De uma cerca de pedra
Fizemos trincheira bôa.

Eram oito horas do dia
Quando eu na trincheira entrei;
A tropa demorou pouco...
O primeiro que avistei
Em frente á bocca do rifle,
Com um tiro o derrubei.

Era elle o tal soldado
Que me ia rastejando;
Caiu sem dar mais um passo!
Vi os outros recuando...
Nesse momento os meus cabras
Foram os rifles disparando.

Ouvi fazer um soldado
A Mauricio este civil:
— Alferes, atire logo
Em Silvino a dynamite!
Eu aos meus disse: fujamos,
E ninguem se precipite!

Devido ao troar dos tiros
 Meu pessoal não me ouviu.
 O fogo estava cerrado...
 O alferes investiu:
 Atirei-lhe na cabeça
 E elle por terra cahiu.

O alferes só teve tempo
 De tres tiros disparar.
 A bomba de dynamite
 Não me conseguiu atirar,
 Porque eu matei-o logo
 Antes d'elle me matar.

Um soldado inda gritava:
 — Atirem bem essa bomba; /logo
 Corri e gritei aos meus:
 — Corram, que o diabo é quem zomba
 Da terrivel dynamite,
 Que onde bate tudo tomba.

Seis minutos mais ou menos
 Depois que os tiros cessaram,
 Dois soldados corajosos
 Do alferes se approximaram;
 Do dinheiro que elle conduzia
 Então logo se apossaram.

Voltei ao campo da luta
 Para ver quan os morreram.
 As praças que lá estavam,
 Quando me viram correram
 Com tanta velocidade
 Que creio que até se perderam.

Atirei-lhes inta de longe
 E creio que a um baliei,
 Mas deixei os ir embora,
 Dos mortos me approximei
 E da bomba envenenada
 Logo all me apoderei.

A bomba, essa eu guardei
Os papeis que encontrei,
Como fossem do governo
Incendial-os mandei,
E sem encommodar outros,
Da Barra me atirei.

Tambem estive em Serrinha
Onde ordenei a um soldado
Que o imposto de barreira
Por elle alli arrecadado,
Fosse só pela metade
Aos sertanejos cobrado.

No anno mil e novecentos
E onze, ainda brigado
Não tinha eu uma só vez,
Quando em Abril fui cercado
Pelo alferes Ramalho,
Que me deu algum cuidado.

Foi no logar S. Mamede
Que esse encontro se deu;
Alguns jornaes affirmaram
Que o meu grupo correu...
Foi erro; vou aos leitores
Contar o que aconteceu.

O alferes José Ramalho
Julgou que eu era pichote;
Atirou-me entrincheirado,
Porém deu errado o bôte,
Porque eu não sou arara:
Me entrincheirei num serrote.

Elle atirou-me de longe
E um tiroteio cerrámos
Que durou mais de uma hora,
Té que ambos exgotámos
Toda a nossa munição,
E depois nos acalmámos.

Depois que a lucta cessou
 Esperei o resultado,
 Que ficou por isso mesmo:
 A força tinha arribado.
 Notei então que um dos meus
 Tinha sido baleado.

Fui em Junho a Mamanguape
 Aonde fui bem acceito;
 Alli hospedei-me então
 Na fazenda do prefeito;
 Este deu-me um tratamento
 Que me deixou satisfeito.

Pedi-me muito o prefeito
 Para eu não ir á cidade;
 Attendi o seu pedido
 De muito boa vontade,
 Pois com pessoa d'alli
 Eu não tinha inimizade...

Então aos negociantes
 Mandeí logo um mensageiro
 Com cartas minhas, pedindo
 A todos algum dinheiro;
 Mandaram-me o rico arame,
 Ninguem se fez de estradeiro.

A dezenove de Julho,
 Por ter d'ella precisão,
 Então os meus companheiros
 Nessa mesma occasião,
 Carregaram dos dois mortos
 Fardas, rifles e munição.

Ao ver que já tinha morto
 Meu maior perseguidor,
 Senti o meu coração
 Possuido de rancor,
 Por ter dado a morte a um homem
 Que me mettia pavor!

De esmigalhar o cadaver
Senti um desejo insano!
E covarde e friamente
Executei esse plano
Porque o meu coração
Não tem mais nada de humano!

Com uma pedrada deixei-lhe
A cabeça esphacelada!
Depois mandei cada um
Dos meus dar-lhe uma facada,
Fiz tudo isso e não senti
A minh'alma perturbada!

Sei que minh'alma já está
Muito negra e empedernida,
Porque cen'ô e uma vez
Tenho-me feito homicida!
O crime hoje e a cousa
Mais commum da minha vida!

Se eu não matasse Mauricio
Creio que elle me matava;
Pois era o official
De quem mais receiava.
A bomba que elle trazia
Era o que mais me assombrava.

Eu o fio do telegrapho
No mesmo dia cortei
Em dez ou doze lugares;
Depois avisar mandei
A policia de Campina
E com os meus me occultei...

Fui em Setembro de mil
E novecentos e dez
A barra de S. Miguel
E lá espalhei os pés;
Matei, prendi e tomei
Quasi tres contos de réis.

Lá dois soldados quizeram
 Commigo se arreliar,
 Porém eu matei um delles
 E no cutro mandei dar
 Uma surra, e, no meu grupo
 Fil-o á força bruta entrar...

Então guiado por elle
 Eu fui á Mesa de Rendas;
 O dinheiro que achei lá
 Mal deu para as encommendas;
 Eu embolsei-o dizendo:
 — Este é p-ra as minhas merendas.

Na Mesa de Rendas todos /
 Bem perto da Soledade,
 Eu consenti os meus cabras
 Fazerem pervesidade
 Com a familia dos Coutos,
 Com quem tenho inimidade.

Num irmão do Zé do Couto
 Dar uma surra mandei,
 E o compadre João de Banda
 Dar na mãe d'elle deixei.
 Do velho Couto um paiol
 De algodão incendiei.

Foi esta a primeira vez
 Que consenti espancar
 Uma mulher, pois no velho
 E' que o compadre ia dar;
 Não o achou, deu na velha
 P'ra a viagem aproveitar.

Então ordenei á velha
 Que com o marido repartisse
 As pancadas que levou,
 E ao Zé do Couto pedisse
 P'ra elle ir crear seus filhos
 E commigo não bulisse.

3

No dia nove de Agosto
Assisti um casamento
Perto de Taperoá;
Com grande contentamento
Participei do banquete
E de todo o divertimento...

A um padre que estava lá
Assisti de confissão!!
Dispensei-o de rezar
O acto de contricção:
Limitou-se a responder-me
O que lhe perguntei então.

Depois que o absolvi
Ordenei-lhe que guardasse
Para mim algum arame;
Para quando eu precisasse,
Disse elle que ao meu dispôr
Estava, se eu o occupasse.

Sahi então da fazenda
De Jocelino Villar,
E então no dia seguinte
Eu consegui me encontrar
Com meu primo Antonio Godê,
E juntos fomos andar...

No dia doze estivemos
Na Passagem; lá cortei
O arame telegraphico,
Pois com este me intriguei,
Porque elle é mexiriqueiro
Com prazer o estraguei.

Estive tambem a passeio
Em S. João do Sabugy,
Conceição do Azevedo,
Curraes Novos e Açary;
Fiz por lá boas colheitas
E voltei p'ra o Cariry.

Em Conceição do Azevedo
 A musica me visitou,
 Dinheiro, *bouquets* e baile
 O povo lá me offertou;
 E ainda ha gente que diga
 Que ao Rio Grande não vou?!

A vinte e quatro de Agosto,
 Da Viração muito perto,
 O alferes João Facundo
 Num logar pouco deserto
 Emboscou-me, porém eu
 Fui mais do que elle esperto!

Eu vi a tropa emboscada
 E então desviei-me d'ella,
 E num boqueirão da serra
 Atoquei com cautela;
 Voltou a tropa e mais tarde
 Caiu na minha esparrela.

Quando a força se approximou
 Nove tiros lhe enviei,
 E nesse mesmo momento
 Ao alferes então gritei:
 — Se não correr, commandante,
 Sua tropa arrasarei!

Quiz o alferes resistir-nos,
 Porém viu logo alli feridos
 Cahirem quatro soldados;
 Todos soltando gemidos
 Diziam: — Se não correremos,
 Matam-nos esses bandidos!

A tropa ainda me atirou
 Mas poz-se logo a fugir;
 Eu tambem não esperei
 Que outra pudesse vir.
 E puz-me ao fresco; os feridos
 Resolvi não perseguir...

Na noite do mesmo dia
Encontrei um conhecido
Que me procurou abraçar;
Mas eu me fiz distraído,
E dei-lhe tão grande tapa
Que o deixei no chão cahido!!

Poucos dias depois disto
Com a policie me encontrei;
Trocámos ainda alguns tiros
Mas eu a ninguem matei,
E tendo enganado a tropa
P'ra longe me retirei.

Em Novembro, em Macapá,
Fui visitar Manuel Bello,
Mas como não encontrei
Para entrarmos em duello,
Deixei-lhe a casa queimada
E o mobiliario em farelo.

Ao chegar em Macapá
Só o genro d'elle achei;
Deu-me este a chave do cofre,
E o que dentro encontrei
Foi uns dez contos de réis:
D'estes, então, me apossei.

O Manuel Bello movia
Contra mim perseguição...
Por isso queimei-lhe a tojá
E um vapor de algodão;
Dei-lhe mais um recado:
Que não esperasse perdão!

Dias depois eu estive
Na povoação da Serrinha,
Passei na villa Pilar,
Onde a terra é quasi minha,
E depois fui occultar-me
Em lugar que me convinha...

DEIXEI-LHE

De novecentos e doze
Em Maio, no alto sertão,
No logar Riacho Secco,
Eu tive o ensejo então
De encontrar meu inimigo
O negro Antonio Carão.

Esse negro a um meu parente
Havia assassinado
Simplesmente p'ra roubar;
E por ser meu intrigado
Matei-o á bala e por mim
Foi seu corpo então queimado!

Dei-lhe dois tiros deixando-o
Muito ferido no chão,
Fiz por cima do seu corpo
Uma coivára, e então
Atiei fogo e deixei-o
Virado em cinza e carvão.

No dia sete de Junho
Em Santa Luiza entrei,
E então dos negociantes
Uns trinta contos levei;
E no capitão Aristides
Uma grande surra dei!

Ha uns dez annos jurei
De Aristides me vingar,
Porque dois cabras meus foram
A' policia se entregar,
E elle os mandou na cadeia
De fome sede matar.

Prometti dar-lhe uma surra
E a promessa cumpri,
E então a sua familia
Dessa vez eu persegui;
De alguns levei dinheiro,
D'outros os bens destrui.

Fui a villa de Afogados
De Ingazeira, onde nasci,
E uns nove contos de réis
Naquella villa colhi!
Mas o Desiderio Ramos
Por caiporismo não vi.

Parei perto do Monteiro,
Estive na povoação
De Jatobá, e em Queimadas
Fiz boa arrecadação;
De Santa Cruz uns dois contos
De réis, conduzi então.

A quinze do mez de Julho
Eu fui á Santa Maria,
E os moradores de lá
Julgando que eu corria,
Deram-me uns tiros, mas eu
Reagi como devia.

Com poucas horas de fogo
Os cabras esmoreceram.
Acabaram o tiroteio
E para o matto correram...
Eu tomei conta da rua
E todos alh soffreram!!

Incendiei quatro casas
E dei de peia a valer!
Deixei diversos feridos,
Só não fiz nenhum morrer
Porque elles correram logo,
E quem corre quer viver...

Fui ao Engenho Filgueiras
Do major João Florentino;
Elle outr'ora perseguiu-me
E eu fui dar-lhe um ensino,
P'ra elle saber que só Deus
Matará Antonio Silvino.

Cerquei-lhe a casa, mas elle
Quiz se metter a guerreiro,
Brigámos mais de uma hora:
Matou-me elle um cangaceiro,
Matei-lhe outro e, elle, ferido
Fugiu para o Limoeiro.

Logo que o major fugiu,
Do engenho me apossei,
Recolhi todo o dinheiro,
Depois as casas queimei;
Cincoenta contos de réis
De prejuizo lhe dei!

Paguei a um camarada
Para o meu cabra enterrar,
E voltei a Parahyba
Perto da Villa Pilar.
Demorei-me, decidido
A alguns dias descansar.

As malas de um correio
Perto de Patos tomei,
E toda a correspondencia
Que elle trazia queimei;
Foi essa a terceira vez
Que esse crime pratiquei.

Das Espinháras, da Serra
Das Preácas, eu estava
Em uma furna, era noite;
Alli, adormecido eu sonhava
Que o espirito de Mauricio
De surpresa me atacava.

Dizia-me elle: — Silvino,
Prepara-te para lutar,
Que o que fizeste commigo
Agora me vaes pagar;
Visto os vivos não quererem
A minha morte vingar.

Ergui-me sobresaltado
E um tiro disparei
Contra o phantasma, e, então,
Muito ligeiro acordei;
Ouvindo um grande rugido
Quasi assombrado fiquei.

Esse rugido abalou
Até o mais fundo *reconco*
Da furna; a serra tremeu
Desde o cimo até ao tronco;
Percebi rapidamente
Que de uma onça era o ronco!

Então atirei na féra,
Que sobre mim se lançou
E deu um tapa no rifle
Que distante o atirou,
E ouvindo o estampido
Mais assanhada ficou!

Dei um pulo para traz
E da pistola puxei,
Porém no mesmo momento
Que um tiro lhe disparei,
Deu ella n'arma outro tapa,
E desarmado me achei!

Felizmente nessa gruta
Entrava a luz do luar,
E o solo era espaçoso...
Continuei a pular
Me desviando da féra
Que me tentava agarrar!!

Num desses saltos eu pude
Puxar da cinta o punhal,
E apertei-o na mão
Com uma ira infernal,
Dizendo: — Si eu não morrer
Mato este audaz animal!!

A onça era tão ligeira
Como de um raio o clarão!
Eu não voava, porém
Mal sentava os pés no chão!!
Compreendi que em matal-a
Estava a minha salvação.

E quando a féra avançou
De arma em punho a esperei,
E então ao pé da guela
Tal punhalada lhe dei,
Que o punhal, enterrado,
Dentro della abandonei.

Ella em minha mão esquerda
Deu uma grande dentada,
E onde passou as unhas
Deixou-me a pelle esfolada;
Só feriu-me no momento
Em que lhe dei a punhalada...

A onça, ao ver-se ferida,
Um enorme salto deu
Rugindo com tanta força
Que a serra estremeceu;
Então por sobre o lagedo...
O corpo em cheio estendeu...

E enraivecida, rugindo,
Tentava se levantar,
Procurando em vão com os dentes
A arma do peito arrancar.
E eu, desarmado, temia
Que ella voltasse a lutar!

Quando a féra se aquietou,
Da gruta me retirei,
E todo o resto da noite
N'outra furna repousei.
Sómente pela manhã
Meus companheiros busquei.

E reunido ao meu grupo
N'essa fuma penetrámos;
A onça morta a um canto
Logo ao entrar encontrámos;
Minha pistola e meu rifle
Ambos quebrados achámos.

Vi que no peito da féra
O punhal estava enterrado.
E reparei que o meu rifle
Tinha o coice esfaxiado!!
A pistola achei-a longe
Com o gatilho quebrado.

Então do peito da onça
O meu punhal arranquei,
E o sangue que o ensopava
Logo em um lenço limpei.
Depois, com muito cuidado
Eu a onça examinei...

Era uma onça pintada,
De fórmias descommunes
Os dentes ponteagudos,
Unhas longas, desiguaes;
Tinha os musculos dianteiros
Mais grossos que os demais.

Retirámo-nos da gruta,
E minhas feridas curei.
Concertar as minhas armas
Por um ferreiro mandei,
E junto aos meus companheiros
Outras zonas procurei.

No Rio Grande do Norte
Com a policia me encontrei,
E com o commandante desta
Então conferenciei...
E para pagar cerveja
A elle logo intimei.

O Major Seabra jurou
Commigo não se intervir,
Eu tambem lhe garanti
Com os delle não bolir;
Pois eu só mato soldado
Que me anda a perseguir.

De novecentos e treze
Eu em Janeiro cheguei
A' Cachoeira dos Guedes,
E do Rufino levei
Dois contos; e um telegramma
Para a Capital passei.

A's altas autoridades
Nesse telegramma eu disse
Que só pretendo morrer
Em adiantada velhice,
E que ellas me perseguindo
Commettem grande tolice!!

A força que acompanhava
O alferes Irineu
Encontrou-me em Soledade
E alguns tiros me deu;
Mas, fugi, por'star na casa
De um velho amigo meu.

Em Lagôa do Remigio
Fui á agencia do correio:
Botei p'ra fóra o agente
Sómente porque era feio;
Tomei-lhe o cobre dos sellos
E contra mim ninguem veio.

Uma vez dono da agencia
Dei logo um expediente,
E avisei ao director
Que alli eu era o agente,
E que todo o apurado
Tocaria a mim sómente!

Então a um negociante
Comprei muita munição;
Arranjei muito dinheiro
Depois da arrecadação
Ao povo da Serraria
Fui passar uma licção.

Perto da Villa hospedei-me;
Veio alli me visitar
O major Antonio Bento
Que logo mandou chamar
O delegado, e este foi
Meu imposto arrecadar!!

Eu estava no Ingá
Na casa d'um camarada,
Quando inopinadamente
A fazenda foi cercada
Por soldados de policia,
Que não arranjaram nada...

Porque com muita cautela
Resolvi me retirar.
Da fazenda, pois não quiz
Contra a policia atirar.
Nesse dia eu não estava
Disposto para matar.

Ha muito que eu procurava
Encontrar um valentão,
Que para luctar commigo
Tivesse disposição;
E de achar esse duro
Tive um dia occasião.

Perto de Brejo de Areia
A quatro de Fevereiro
De novecentos e nove,
Encontrei esse guerreiro
Que não matou-me, porque,
Vali-me de Deus primeiro.

Era um sujeito mestiço.
De cabellos afogueados,
Os dentes muito amarellos,
Beiços grossos e rachados;
Pés chatos e mãos compridas,
Olhos grandes e encarnados!

Conheci que esse cabra
Era máu de profissão
Então para dar-lhe uma sova
Me pediu o coração;
E eu quiz-me certificar
Se o cabra era valentão.

Gritei-lhe: — Cabra! quem és?
De onde vens e p'ra onde vaes?
Disse-me o cabra: — Meu nome
E' Diabo ou Satanaz;
Venho do inferno e contigo,
Vou lutar ou fazer paz!

— Vens commigo fazer paz?
E eu pedi-te essa alliança?
— Não pediu, mas pódes ter
Em mim toda a confiança...
Respondi-lhe: — De salvar-me
Ainda eu tenho esperança.

Disse-me o diabo: — E esperas
Ainda por salvação?
Te esqueces que fazes crimes
E' só a tua profissão?
Respondi: — E não se salvou
Da Biblia o Bom Ladrão?

— Se esse Dimas se salvou
E' porque amava a Deus,
Mas tu és um inimigo
Dos dez mandamentos seus!
E eu perguntei-lhe: — E você
Conhece os intuitos meus?

Disse-me o diabo: — Eu bem sei
Que é funesto o teu destino:
E's traidor, és um perverso,
E's ladrão e assassino!
E hoje para o inferno
Irás commigo, Silvino!...

Quando eu ouvi o diabo
Estas phrases proferir,
Respondi-lhe: — P'ra o inferno
Comtigo eu não hei-de ir!
Disse-me elle: — Isso agora
Havemos de decidir!

Para decidir-mos isso
Luctarmos muito é preciso...
E dito isto disparei-lhe
Um tiro de improviso.
O diabo aparou a bala
E disse com ar de riso:

— Ah! não me atires, porque
Com balas tu não me offendes.
E accrescentou: — A certeza
Eu tenho de que te rendes,
Se prolongares a lucta
Eu juro que te arrependes!

— Render-me? nunca! E o rifle
Vinte vezes disparei...
E presumo que os tiros
Todos no diabo acertei,
Mas este, aparando as balas
Deu-m'as quando eu terminei.

Então conheci que a bala
Para o diabo não se fez;
E manejando o punhal
Vibrei-lhe com rapidez
No peito uma punhalada.
Mas errei inda uma vez!

Dei-lhe ainda muitos golpes
 Julgando que o matava,
 Mas todos foram perdidos
 Porque a arma o não furava:
 O punhal batia nelle
 E envergado ficava!

Luctámos uns dez minutos...
 Então eu comprehendí
 Que não vencía ao diabo,
 Porém, não esmorecí!
 E quando me vi perdido
 Logo de Deus me vali...

Dizia o diabo sorrindo:
 — Levo-te sempre commigo;
 E' melhor ficarem manso,
 Que te terei como amigo.
 Então eu disse: — Meu Deus,
 Livrai-me deste inimigo!

Vi que luctando, morria;
 E a rezar me dispuz.
 Então me ajoelhei
 E rezei o credo em cruz,
 E disse: — Eu te conjuro,
 Diabo! em nome de Jesus!

Quando eu me persignei
 P'ra longe o diabo correu
 E disse: — Falas em Deus?
 Foi isso o que te valeu.
 Mas de outra vez voltarei,
 E serás companheiro meu!

Depois fiz paz com o diabo,
 E hoje em dia elle me segue;
 E já não temo que o mesmo
 Para o inferno me carregue,
 Eu só não quero é que um dia
 Elle á policia me entregue.

Deus que me tinha no mundo
Para um instrumento seu,
Já havia decretado
Tudo quanto aconteceu
Commigo, pois nesse dia
Tirou o prestigio meu!

A dezoito de Novembro
Eu em Pocinhos cheguei;
Que o padre Antonio Galdino
Désse-me um jantar, mandei;
E que me servisse á mesa
Ao mesmo padre obriguei.

Quando eu me retirei, o padre
Lançou-me a excommunhão,
Missa de corpo presente
Com em minha tenção.
Na noite do mesmo dia
Me appareceu uma visão.

Eu estava em uma casa
Jogando bem descuidado,
Quando appareceu-me um homem
Com um objecto embrulhado;
E me disse: — Eis um presente
Que para si foi mandado.

Ergui a vista, porém,
Já o homem não avistei;
Abri o pacote, e dentro,
Um par de algemas achei;
Fiquei tão impressionado
Que alli quasi me assombrei!

Comprehendi que padre
Botára-me *urucubaca!*
A estrella que me guiava
Via-a no céu mais opaca;
De minha vida a corrente
Conheci que estava fraca.

Na manhã do outro dia
Eu na estrada encontrei
Com um boi de Cristiano:
Bem na testa lhe atirei;
Visto não pegar o *gringo*...
No boi d'elle me vinguei.

Depois que andei oito leguas
De onde o boi tinha ficado,
Debaixo de um umbuseiro
Sentei-me um pouco enfadado,
Quando vi chegar o boi
No qual eu tinha atirado.

Esbarrou perto de mim
Ameaçando-me dar,
Chegou esvaindo em sangue
E damnado para urrar;
Como que vinha sómente
Para de mim se vingar.

Quando eu vi aquella scena
Perdi logo a esperança;
Conheci que minha vida
Estava numa balança;
O urro do boi dizia:
Meu sangue pede vingança!

Conheci que aquelle boi
Da morte era mensageiro;
Quiz atirar-lhe, e meu rifle
Mentiu fogo; então, ligeiro,
Me retirei e não quiz
Que matasse um companheiro.

Depois, com meus companheiros,
Fomos p'ra Taquaretinga,
Eu convenci-me de que
Me acompanhava a *canninga*.
Meu coração me dizia:
Silvino, volta e te vingal

Porém, eu não quiz voltar.
Na mesma noite cheguei
Em Alagoa de Lage,
E no matto me occultei.
Debaixo de um joazeiro...
Quatro horas descansei...

Porém, no dia vinte e oito
Melancolico me senti;
Passei o dia jogando...
A's cinco horas me vi
Pela policia atacado,
E ao fogo, então, resisti!

Como eu estava em campo raso,
N'um serrote me entrincheirei;
Guiando os meus companheiros,
De umas pedras me amparei,
Foi ferido o Joaquim de Moura
Mas brigando me conservei.

Foi por detrás de uma cerca
Que a policia se occultou,
De onde nos fazia fogo;
O meu rifle disparou
Trinta vezes contra ella,
Mas nem um tiro acertou.

No pae de um meu companheiro
Uma surra eu tinha dado;
(Já faziam quatro annos)
E o cabra havia jurado
De me matar á trahição
Em um momento aprasado.

Esse cabra traiçoeiro
Perto de mim atirava
Por detraz de uma pedreira.
Vendo que eu não o olhava,
Atirou-me por detraz
Quando eu menos esperava!

E uma bala de *Mauser*
Pelas costas me varou,
E sahindo pelo peito,
Um rombo enorme deixou.
Cahi no chão quasi morto
E o cabra alli me roubou.

Levou-me todo o dinheiro
E um anel de brilhante,
Levou-me um grande punhal
E um rifle muito importante;
Não me pude defender
Porque estava agonisante.

Quando despertei da sincope
Foi que me senti ferido;
Alli procurei meu grupo
Que de mim tinha fugido.
Tudo quanto eu possuia
Tinha desaparecido.

Com dificuldade ergui-me
Depois de me ter sentado;
Olhei em redor e vi
Um homem no chão deitado,
Era o amigo Joaquim Moura
Que se achava baleado.

Chamei-o, elle se sentou
E me disse: — Estou perdido,
Mas não me entrego á policia,
Portanto eu me suicido...
Deu um tiro na cabeça:
Morreu sem dar um gemido!

Quiz eu tambem suicidar-me
Mas as armas não achei;
O veneno que eu trazia
Nos bolsos, não encontrei.
Levantei-me e a uma casa
Quasi de rasto cheguei.

Ao dono dessa vivenda
Pedi que fosse chamar
O commandante da força,
Para a elle eu me entregar,
Pois eu estava quasi morto
E queria-me confessar.

Tinha o dia amanhecido
Quando a policia chegou
Então o alferes Teophanes
De mim se approximou;
Mas devido ao meu estado,
Elle não me interrogou.

Fui para Taquaretinga
Pela força conduzido;
Levaram-me numa rêde
Porque eu estava tão ferido,
Que não andava, e cheguei
Quasi que desfallecido.

Dois dias e uma noite
Eu passei encarcerado
Na cadeia da cidade,
Sendo muito visitado;
A vinte e nove já eu
Me sentia melhorado.

No dia trinta bem cedo
Em um burro me montaram,
E para Caruarú
Os soldados me levaram.
Mais de duzentas pessoas
Na estrada nos encontraram.

Chegando em Caruarú
Cinco horas descansámos;
A's duas da madrugada
Para o Recife embarcámos.
A's sete horas do dia
Nesta capital chegámos.

Por medicos e enfermeiros
Vim no trem acompanhado
O Dr. chefe de policia
Tambem se achava a meu lado,
Tratamento de primeira
Foi sempre a mim dispensado.

Mais de duas mil pessoas
Me esperavam na estação,
E me olhavam confusas
Com muita admiração
Grande massa acompanhou-me
A' casa de Detenção.

A bala que me feriu
Pelas costas penetrou.
Sahi no peito direito
E o pulmão me affectou:
Mas só prostrou-me porque
A cadite me atacou.

Os medicos já conseguiram
Meus ferimentos curar...
O resto da minha vida
Vou na prisão descansar,
Porque dos crimes que tenho
Não espero me livrar.

Já me confessei a um frade,
Mas não estou regenerado,
Acho-me muito abatido
E estou desequilibrado;
Agora com o suicidio
Eu vivo impressionado.

Sómente á fatalidade
Eu devo a minha prisão,
Pois todos sabem que eu era
Um indomavel leão!
E nem eu sei porque foi
Que me entreguei á prisão.

Não me prenderam, entreguei-me
Porque fui impulsionado
Pelo destino talvez!
Vi-me ferido e roubado,
Vim morar nesta prisão,
Cumprir a lei do meu fado.

O MEU JULGAMENTO

Fazia vinte e um mezes
Que eu me achava na prisão;
Já estava mais robusto
E completamente são,
Quando fui levado á Olinda
P'ra ali ser julgado então.

Foi em mil e novecentos
E dezeseis, bem me lembro,
Começou meu julgamento
No principio de Setembro,
Estava reunido o jury
Sem que faltasse um só membro.

Presidiu meu julgamento
O Dr. Cesar Godim,
O qual foi pelo governo
Escolhido p'ra esse fim;
Não sendo elle meu amigo
Podia julgar a mim.

Foi o meu advogado
Dr. Adolpho Simões;
Esse illustre bacharel,
Com suas aptidões,
Provou que eu tive razão
Em dominar os sertões.

O Dr. Pedro Cahú
Serviu como promotor,
Como órgão da justiça
Foi o meu accusador.
Quiz esse dar aos meus crimes
Maior vulto e mais horror.

Disse o juiz de Direito:
 — Queira o réo me responder
 Se sabe porque está preso,
 Porque julgado vae ser;
 Póde tambem allegar
 Razões p'ra se defender.

Respon-di-lhe: — Sr. Juiz,
 Porque estou preso bem sei,
 Pois vim pagar na prisão
 Os crimes que pratiquei;
 Razões p'ra me defender
 Algumas allegarei.

— Concedo ao réo a palavra
 Para elle se explicar;
 Dizendo quaes as razões
 Que teve para matar,
 E em que lei encontrou
 O direito de saquear.

— Senhor juiz eu criei-me
 Como um sertanejo honrado,
 Vivendo do meu trabalho
 Sem a ninguem ser pesado.
 Quando attingi vinte annos
 Vi meu pae assassinado.

Os que mataram meu pae,
 Em vez de perseguição
 Da policia do lugar
 Tiveram foi protecção,
 Então resolvi mata-los
 E acho que com razão.

Depois dos primeiros crimes
 Vi-me logo perseguido;
 Fui obrigado a viver
 Nas montanhas escondido
 A lei da necessidade
 Obrigou-me a ser bandido.

Disse o juiz: — 'Stou sciente,
 Vejo que teve razão
 De se fazer criminoso,

E mandou que o escrivão
Iniciasse a leitura
Do meu processo em questão.

Leu o escrivão o processo
Todo arbitrario e illegal.
Depois fez-me o promotor
Uma accusação verbal:
Disse que eu como bandido
Era o genio do mal.

E fallou: — Senhores jurados,
Este é o Antonio Silvino
Que matava no sertão
Homem, mulher e menino,
Era ladrão e malvado,
Deshonrador e assassino!

Durante doze annos
Foi o terror dos sertões,
Assombrava a todo o mundo
As suas depredações,
São de um homem desabusado
Todas as suas acções.

Confio que os jurados,
Que são homens conscientes,
Dêem o maximo da pena
Que é o premio dos delinquentes
A essa féra humana,
Assassina de innocentes.

Fallou meu advogado
Replicando ao promotor,
Provando que eu nunca fui
De innocentes matador;
Sempre respeitei a honra
E nunca fui salteador.

Disse que eu sempre matei
Todos que me perseguiam,
Que nas villas do sertão
Com festas me recebiam,
E o que eu tomava dos ricos
Dava aos que me pediam.

E disse que eu no sertão
Nunca de ninguém roubei,
Aos conhecidos pedi,
Dos governantes tomei;
Sómente dos inimigos
As casas incendiei.

Findando o advogado
Sua bella allocução,
Pedi aos doze jurados
Que votassem meu perdão,
Provando que eu era victima
De uma vil perseguição.

Calou-se o advogado
E o jury se recolheu
Quando o grupo de jurados
Na sala reappareceu;
O dr. Juiz de Direito
A minha sentença leu.

A trinta annos de prisão
Fui eu então condemnado.
Annullar esta sentença
Não poudes o advogado;
Voltei para a detenção
Um pouco contrariado.

Porém, já resignei-me
A cumprir minha sentença,
Pois quem mata o semelhante
Não vê de Deus a presença:
A prisão é dos meus crimes
A legitima recompensa.

Hoje estou arrependido
De ter sido um delinquente;
Já offereci-me ao governo
P'ra ir p'ra linha de frente
Dar combate aos allemães,
E morrer como um valente.

FIM.